

Epistemologia das ciências da religião no marco da secularização sobre os estudos da religião

*Luiz Antônio de Araújo**

*Rodrigo Moreno Ribeiro Silva***

Resumo

Esta comunicação visa apresentar o panorama epistemológico do estudo das ciências da religião na realidade brasileira. Procura considerar em seu escopo o paralelo entre a teologia e a ciência da religião no espaço acadêmico, focando numa perspectiva de diálogo e colaboração mútuas entre essas disciplinas para a compreensão da relação secularização, religião e sociedade. O trabalho se concentra na abordagem sobre os métodos de investigação das ciências da religião, a saber, história da religião e ciência sistemática da religião ou fenomenologia. A pesquisa está baseada em uma análise de cinco obras da área de Ciências da Religião: O que é Ciência da Religião? de Hans-Jürgen Greschat (2005); Constituintes da ciência da religião. Cinco ensaios em busca de uma disciplina autônoma de Frank Usarski (2006); Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções de Marcelo Camurça (2008); O espectro disciplinar da ciência da religião de Frank Usarski (org.) (2007) e As ciências das religiões de Giovanni Filorano e Carlo Prandi (1999).

Palavras-chave: Religião. Ciência. Método. Teologia.

Introdução

O estudo científico da religião no Brasil nos leva a uma análise atenta do seu recente surgimento e desenvolvimento, o que nos permite recolher elementos significativos para a

* Mestrando em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES. Contato: luiaraujo@ig.com.br.

** Mestrando em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Contato: rodrigomoreno1999@yahoo.com.br

pesquisa e o estudo da religião, tomando como ponto de partida a religião como objeto de investigação e interesse acadêmico. Ao mesmo tempo, compreender a ciência da religião como disciplina autônoma e recente no cenário acadêmico, tendo surgimento na segunda metade do século XIX no continente europeu; no Brasil os primeiros programas acadêmicos da área datam do século XX.¹

Nosso trabalho visa apresentar uma contextualização do estudo da ciência da religião em chave geral com acenos a realidade brasileira. Trataremos também, da nomenclatura a ser utilizada: ciência – ciências, religião – religiões? Optamos também por fazer um paralelo entre a teologia e a ciência da religião dentro do espaço acadêmico, focando no âmbito de atuação das mesmas e fazendo um recorte de aproximação e contribuição da teologia como ferramenta a colaborar com os estudos científicos da religião na realidade acadêmica brasileira. Por fim, trataremos dos métodos epistemológicos clássicos da ciência da religião, História da Religião e .Ciência Sistemática da Religião.

1. Contexto Histórico

A ciência da religião tem suas raízes como ciência no ambiente da modernidade, caracterizado, sobretudo, pelas correntes positivas, evolucionista e arreligiosa. O conceito ciência da religião foi cunhado pela primeira vez por Max Müller (1823-1900), professor da universidade de Oxford, na Inglaterra. (HUFF JÚNIOR; PORTELA, p. 441).

Considerando esta dinâmica, se faz necessário estabelecer as diretrizes para o estudo da religião de maneira científica sendo, portanto, importante fundamentar sua base conceitual e epistemológica diferenciando-a de outras ciências e apresentando suas especificidades². Tarefa que requer esforço e debate acadêmico num horizonte a ser construído em um ambiente de novas conjunturas, ainda em formação.

¹ Atualmente são dez programas de ciência da religião presentes nas universidades brasileiras em nível de pós-graduação. O primeiro a ser criado foi o da PUC-SP, no ano de 1978.

² Na visão de Pondé (2001) a questão de um estatuto epistemológico para a ciência da religião é algo complexo. Dessa forma ele encara de forma pessimista um possível 'contrato epistemológico' para resolver a questão epistemológica do estudo da religião. Greschat (2005) e Usarski (2006) defendem uma investigação científica em busca de estabelecer bases epistemológicas claras para uma ciência independente que trate da religião em ambiente acadêmico em que os pesquisadores compartilham suas convicções teóricas de maneira consensual. Ferreira e Ribeiro (2012) tomam partido de uma tendência interdisciplinar na construção de um estatuto epistemológico em torno do estudo das ciências da religião no Brasil.

Reconhecemos esta dificuldade por busca de “contratos epistemológicos”, ou, a bem de dizer melhor, ensaios de propostas que visem um chão comum mínimo em que se possa pisar com alguma segurança, consensos mínimos, mas detentores de alguma estabilidade. Estes “consensos mínimos” não querem, de forma alguma, adquirir estatuto de “verdade” quanto à questão, ou *modus operandi* ideal, ou epistemologia acabada. “Consensos mínimos” têm, justamente, esta função: o de ser referência básica, um ponto de partida. Referência esta que pode conter, em si, contradições e idiossincrasias, mas que não por isto deixa de ser referência mínima legítima, pois contradição e idiossincrasia, além de serem comuns à vida humana, também se apresentam às compreensões e autocompreensões científicas, que, a partir do paradigma desenvolvido por Karl Popper, precisam estar cientes da falseabilidade enquanto critério de juízo fundamental para caracterizar teorias (e a própria compreensão de ciência). Assim, conhecimento/ciência se mostra sempre em sua forma conjectural. (HUFF JÚNIOR; PORTELA, p. 441).

O estudo da ciência da religião apresenta-se no Brasil como um campo de investigação recente, em construção, imerso numa realidade que exige dos programas acadêmicos da área, a assimilação e percepção de um horizonte aberto ao diálogo frutífero e a escuta de diferentes tradições na consolidação de uma disciplina que tome como ponto de partida a religião como objeto de investigação. Conseqüentemente, estabeleça uma base epistemológica que fundamente ‘consensos mínimos’ entre àqueles que se debruçam sobre o objeto religião de forma científica.

A religião³ se apresenta ao longo da história como fonte de interesse investigativo desde a antiguidade (USARSKI, 2006, p. 15). Ao longo de um processo investigativo, vários campos do conhecimento: teologia, antropologia, história, geografia, sociologia, psicologia, literatura, serviram-se do objeto religião em suas pesquisas e produções acadêmicas. Não havia propriamente uma ciência que se ocupasse unicamente do objeto religião, dissociado de outros interesses, quer seja históricos, sociais ou apoloéticos. Contudo, até a segunda metade do século XIX, o estudo da religião se mantinha atrelado a métodos de pesquisa pré-estabelecidos por outras disciplinas na busca de seus propósitos: “religião como totalidade torna-se um divisor de águas entre cientistas da religião e outros cientistas que se ocupam apenas esporadicamente da religião” (GRESCHAT, 2006, p. 24).

³A palavra religião é de origem latina *religio* e está profundamente associada num primeiro momento à religião politeísta romana sendo, mais tarde, incorporado ao cristianismo. A conotação de religar o humano com o divino aproximou o termo religião dos deuses romanos e, sobretudo, do monoteísmo judaico-cristão. Logo, o estudo sobre religião no Ocidente até a modernidade estava associado ao cristianismo de matriz romana ou ligado aos cristãos reformados. A palavra é problemática para um estudo em ciências da religião que tem por pretensão investigar outras manifestações religiosas além do monoteísmo judaico-cristão. Greschat (2005) ilustra esta reflexão ao citar o budismo zên como manifestação religiosa sem a figura de Deus. Tal exemplo foge da noção de *religare*, próprio da tradição onde a palavra foi cunhada e se desenvolveu. Entretanto, é preciso uma ressignificação da palavra em horizonte acadêmico para um estudo investigativo de variadas manifestações religiosas.

No século XIX surge interesse dos europeus em investigar religiões estrangeiras: “somente a época do descobrimento, que de repente deixou afluir a riqueza incrível das religiões das culturas elaboradas asiáticas e americanas, bem como as inúmeras religiões de povos indígenas, desperta um interesse que se (finalmente) articularia na forma de investigações científicas” (USARSKI, 2007, p. 20). Daí nasce a importância de estudar cientificamente a religião. O cientista da religião, aparece como um novo profissional que percebe não ser suficiente o vocabulário cristão para abarcar a religião. É preciso dedicação e paciência para focar o olhar em outras manifestações religiosas com finalidade acadêmica, isenta de crenças e dogmas. Isto possibilitou uma alteração no cenário europeu, marcado hegemonicamente por investigar o objeto religião a partir de um viés cristão. Diante de novas perspectivas de estudos de manifestações religiosas pouco exploradas, o interesse científico pela religião, dissociado da fé e dos dogmas cristãos passam a ser explorados.

O estudo de textos sagrados diversificados se transforma em uma fonte de importantes registros sobre as religiões. Friedrich Max Müller (1823-1900) é considerado o pai da ciência da religião. Graças a seu trabalho, a produção acadêmica da ciência da religião passou a ter nos textos sagrados a sua matéria prima por excelência. Outra forma que ajudou a compreensão dos estudos foram as Tradições orais e os testemunhos pessoais que foram coletados por missionários e administradores das colônias. Os pesquisadores da religião também recolheram e estudaram documentos históricos, cerimônias religiosas, obras de arte e utensílios domésticos. Tudo isso favoreceu a construção do campo do saber aqui descrito.

2. Epistemologia das ciências da religião.

O que constitui uma ciência é o objeto (Kuhn, 1975). Este é o foco de ação de uma pesquisa em qualquer área do saber. Ele é o que determina o campo de ação e os limites da pesquisa. Porém, esse limite não limita o objeto, pois este se abre a uma realidade muito maior. Nasce à necessidade de explorá-lo sempre para alcançar novos caminhos a que ele pode conduzir o pesquisador da área.

As ciências da religião têm um objeto próprio, a religião. Este conceito na sua raiz latina indica um *religare*, ou seja, ligar de novo. Mas nem todas as formas de expressão que este conceito norteia têm um ligar de novo a algo ou a alguém. Algumas formulações de religião são expressões de uma transcendência que não se religam a nada e nem a ninguém.

Mesmo assim é o conceito com o qual o Ocidente, protagonista desta especulação, tem usado para tratar da experiência transcendental humana que gira em torno do fenômeno religião. Por isso, ao se estudar uma determinada esfera da religião o pesquisador deve ser claro e objetivo no que significa o termo usado na pesquisa. Isto para se evitar problemas de exposição e ambiguidade no que se quer apresentar. O conceito de religião muda conforme o tempo passa e o mundo se transforma; ou seja, crenças e instituições vão se transformando ao longo do tempo. (USARSKI, 2007, p. 99).

Nascem alguns preceitos úteis aos pesquisadores. Por exemplo, tomar cuidado para, durante a pesquisa, não se perder o objeto tratado. Deve-se evitar uma aplicação forçada dos fenômenos que não entram no conceito trabalhado. Uma postura de abertura ao outro, a cultura distinta do cristianismo e uma não cobrança do que é ocidental em esferas orientais faz-se necessário para que o pesquisador não confunda a pesquisa em desenvolvimento e até mesmo o resultado final. (USARSKI, 2006).

O cientista da religião se pauta pela investigação autônoma do objeto religião como fruto exclusivo de uma investigação. E pelo fato de a pesquisa ser uma fração do todo não se consegue abstrair e tomar para si, na investigação, tudo que se refere ao pesquisado. Esta falta não atrapalha o investigador, mas o lança em uma abertura a ampliação das teorias e dos aprofundamentos de estudos, sejam eles fenomenológicos, factuais ou comparativos. Afinal, o ser humano é um ser aberto e que amplia seus conhecimentos.

Faz-se necessário adentrar em algumas problemáticas que as ciências da religião carregam dentro de si; afinal “o problema não é que a religião possa ser definida, mas que ‘pode ser definida, com maior ou menor sucesso, de mais de cinquenta maneiras’”. (SMITH apud USARSKI, 2007, p. 55). Tem-se a busca de apresentar o problema epistemológico que este campo carrega. Definir bem que determinação o conceito de religião recebe em uma pesquisa garante que não ocorram interpretações diferentes da qual a pesquisa se direciona, trata e desenvolve. Isto devido aos vários significados que o termo possui.

Dentro da questão epistemológica pode-se notar um problema com a denominação ciências ou ciência. Qual forma se apresenta mais adequada à área do conhecimento que tem a religião como foco e objetivo de pesquisa? Camurça (2008, p. 18) afirma que a identidade do proposto por esta área do saber é ampla e abrange um campo imenso; sendo assim, ela, gera um problema para uma lógica positivista que é muito usada na academia brasileira.

Ao se expressar ciências traz-se consigo uma carga conceitual que quer apontar para uma para um elemento interdisciplinar; portanto para uma instância que respeita a variedade metodológica com que são desenvolvidos os trabalhos na área. Isto quer dizer que este conceito dá à categoria ciências uma ampliação maior na estrutura epistemológica e tenta dar conta de contemplar a amplitude do campo do saber que aqui se apresenta. Mesmo assim ciência ou ciências se expressam como estruturas conceituais trabalhadas em perspectivas diferentes; mas que buscam dar conta de uma situação epistemológica própria e que desejam responder a um questionamento: o que é isso que se chama ciência ou ciências da religião?

3. Ciência ou Ciências, Religião ou Religiões?

Importante elemento observado no estudo da ciência da religião é a nomenclatura a ser utilizada para se referir ao método de investigação: ciência ou ciências? Bem como, o objeto de investigação: religião ou religiões? Percebemos nesse sentido divergências ao fazer uso da nomenclatura: ciência da religião, ciências da religião ciência das religiões e ciências das religiões.

Os que defendem o termo ciência da religião estão ligados a uma tradição alemã (sobretudo, Hans-Jürgen Greschat e Frank Usarki), afirmam a investigação sobre a religião por meio de uma ciência autônoma e independente frente ao objeto religião no singular, que engloba o conjunto de manifestações religiosas. O uso do termo ciências da religião, por sua vez, se associa aqueles que defendem um múltiplo olhar sobre a religião, tendo o auxílio de diversas ciências na busca do objeto religião no singular, também entendendo a religião como conjunto de manifestações religiosas (esta tendência é defendida pela PUC- Minas e segundo Ferreira e Ribeiro (2012), reflete melhor a tradição brasileira).

Há também a possibilidade de pensar uma ciência que investigue diversas manifestações religiosas, entendidas na sua pluralidade: ciência das religiões (não há esta nomenclatura nos programas de pós-graduação do Brasil). Por fim, os que usam o nome de ciências das religiões, defendem a análise de um conjunto de ciências auxiliares na investigação das religiões. Nesta compreensão o objeto de investigação aparece no plural (religiões), as manifestações religiosas também são entendidas como diferentes variantes a serem estudadas (proposta presente na UFPB).

O olhar de diversas ciências (tais como: história, filosofia, teologia, sociologia, psicologia, literatura, antropologia, lingüística, etc.) contribuem eficazmente para a pesquisa do objeto religião e tem sido o campo de análise mais explorado nas universidades brasileiras. Sendo o olhar interdisciplinar, o objeto [religião] apresentado no singular também se torna mais consensual. Com o termo religião se pensa o conjunto. Não se entende essa ou aquela religião específica.

Acreditamos também que este objeto apresentado no singular nos convoca a uma atitude importantíssima: o cientista da religião mesmo se dedicando a uma religião específica ou a um determinado aspecto desta, jamais deverá prescindir do olhar de totalidade.

4. Ciências da religião e teologia no Brasil

No Brasil, a ciência da religião nasceu num contexto onde a teologia da libertação estava sendo desenvolvida; o que exerceu uma influência no interesse em criar um espaço acadêmico para a continuidade de um debate já presente no ambiente eclesial. Muitos teólogos associam a mensagem da revelação de Deus com a prática social, isso possibilitou um fecundo diálogo entre teologia e ciências sociais, o que contribuiu para os primeiros avanços para a criação de uma disciplina que investigasse a religião dissociada da teologia e fora de um ambiente confessional. (FERREIRA; RIBEIRO, p. 252).

Há que se estabelecer fronteiras no espaço acadêmico entre a pesquisa de cunho teológico e de ciência da religião⁴. A ciência da religião não pode ser entendida como trabalho de teólogos que perderam espaço institucional ou frustrados com a instituição. A diferença entre o teólogo e o cientista da religião é estabelecida como ponto de partida pelo lugar de onde brota o discurso: “os teólogos são especialistas religiosos. Os cientistas da religião são especialistas em religião” (GRESCHAT, 2005, p. 155). Acompanhando esta visão pontua-se a seguir distinções entre o espaço teológico e da ciência da religião.

⁴ No Brasil, dos dez programas acadêmicos em ciência da religião apenas três são em universidades de orientação laica: UFJF, UFPE, UFPA, os demais estão localizados em universidades de cunho confessional. Nesse sentido, a teologia ainda é vista como uma sombra a pairar sobre a ciência da religião. Há um risco da teologia em programas ligados a instituições de cunho confessional arrogar a função de tutela na abordagem da religião exercida pelos departamentos de ciência da religião (USARSKI, 2001, p. 101). A afirmação por parte de setores da ANPTER, de que as disciplinas da ciência da religião podem ser ministradas por ‘teólogos adaptados’, também reforça que no Brasil há tensões entre a teologia e a ciência da religião como disciplina acadêmica autônoma (CAMURÇA, 2008, p. 42).

A teologia é a ciência que elabora seu discurso sobre Deus a partir dos dados da revelação divina dentro de um espaço institucional que supõe a fé como ponto de partida e chegada. O teólogo busca enriquecer e defender a sua doutrina a partir de uma perspectiva de investigação que tem como horizonte de interesse a sua profissão de fé.

O cientista da religião elabora seu discurso sobre a religião como objeto de estudo, não parte de uma tradição confessional. Outro dado importante está no fato de os cientistas da religião não prestarem serviço a uma dada instituição religiosa, nem estarem subordinados a líderes religiosos. No Brasil, ao final do século XX e início do século XXI a teologia tem convivido com a recém criada ciência da religião. Enquanto a teologia se restringe hegemonicamente à ambientes eclesiais a ciência da religião adentra as universidades.

Em seis de novembro de 1998 foi dado parecer do Conselho Federal de Educação para reconhecimento das faculdades de teologia existentes no Brasil. Uma das justificativas alegadas era a do recente processo de regulamentação do ensino religioso; o qual exigiria a formação de um grande número de professores que deveriam ser formados nas faculdades de teologia. Esta posição gerou o seguinte questionamento: como pode a teologia, como discurso confessional, formar docentes para a área do conhecimento não vinculada a nenhuma instituição de cunho confessional. Isto chama em causa uma reflexão de limites entre teologia e ciências da religião. (SOARES in: USARSKI, 2007, p. 283).

Uma saída possível e benéfica para uma melhor compreensão da religião é o diálogo interdisciplinar. No Brasil, diferente de alguns países europeus, a investigação científica da religião caminha mais para uma abordagem de diálogo com vários campos do saber em detrimento de uma ciência específica que dê conta do estudo da religião:

Devido a toda essa polissemia nas interpretações dadas ao fenômeno religioso, fruto da diversidade epistemológica com que ele é encarado, penso que o enfoque a ser dado nos programas de pós-graduação em ciência[s] da religião deva ser o da interdisciplinaridade. (CAMURÇA, 2008, p.21)

Doravante, percebemos ser possível dentro de um espaço acadêmico investigativo sobre a religião, a reflexão teológica como fruto de um discurso importante para a religião e um contraponto de diálogo e não imposição doutrinária: “Entendo que a universidade e a sociedade em geral só teriam benefícios se a ciência da (religião) e a teologia, embora ciosas de sua autonomia colaborassem mutuamente” (SOARES in: USARSKI (2007), p.291).

Como tradição que interpreta e formula definições dogmáticas sobre dada religião, a teologia é convidada a adentrar o espaço público das universidades e confrontar sua gama de

reflexões num ambiente onde há uma maior possibilidade de confrontos acadêmicos e menos conformismos doutrinários. Nesse sentido, a teologia é vista como algo a contribuir de modo autêntico com a ciência da religião.

A teologia também tem muito a oferecer a um programa de estudos da religião – e seria temerário simplesmente ignorar seu ponto de vista. Na condição de área de saber reconhecida pela academia, ela é um subconjunto dos estudos da religião e, como tal, sua palavra sobre as dimensões de sentido das tradições religiosas não é desprezível. (SOARES in: USARSKI (2007), p. 302).

Em suma, é preciso destacar a importância da reflexão teológica para a academia. Logo a proposta de uma teologia pública, entendida como uma reflexão institucional de cunho confessional, mas que se abre ao diálogo com as demais ciências que focam a reflexão na religião ocupa importante espaço na defesa da liberdade e da responsabilidade das ciências no espaço acadêmico brasileiro. (SOARES in: USARSKI (2007), p.297-298).

5. Métodos clássicos da ciência da religião

Na ciência, o método é o sistema por onde as pesquisas têm que passar para que seja válido e necessário o conhecimento que ali se produz (KUHN, 1975). Um método é o bastante para que uma ciência seja tomada como ciência. Porém, a ciência da religião tem em sua estrutura vários métodos. Isto distorce um pouco do que seria uma ciência normal com um método próprio. Porém responde a proposta da interdisciplinaridade tratada por Wash, Pedro Ribeiro e Camurça (CAMURÇA, 2008, p. 25). Esta proposta é de que o elemento religião que perpassa as várias disciplinas sendo o objeto das abordagens ajude a construir pesquisas que ampliem o conhecimento da ciência da religião.

Classicamente encontramos duas formas de conceber a Ciência da Religião, a saber: como História da Religião e como Ciência Sistemática da Religião. Esta última é conhecida também como Fenomenologia da Religião ou História Comparada da Religião.

Os historiadores da religião trabalham com elementos, tais como, textos religiosos, imagens religiosas, os relatos de indivíduos religiosos e a vida religiosa em si. O trabalho científico da História da Religião se detém a dados bem específicos. Os textos sagrados são considerados a matéria-prima por excelência da produção acadêmica na Ciência da Religião. Documentos religiosos e textos sagrados estão embrenhados de um forte valor de

autenticidade religiosa visto estar neles o testemunho histórico da religiosidade pessoal. Neste sentido, a filologia assume importante papel no manejo e tradução dos textos sagrados.

Tal como os textos sagrados, as tradições orais revalorizam a tradição religiosa. Mostram como esta se manteve forte durante sua história, aponta características da memória do grupo e sugere muito mais do que a transmissão de crenças, ritos, etc. a tradição oral permite reconhecer outros dados significativos da religião do grupo. Os testemunhos pessoais tornam-se importantes para o cientista da religião porque oferecem ao pesquisador elementos antropológicos característicos de indivíduos inseridos num grupo.

Os documentos históricos da religião tais como testemunhos, confissões, poesias, homilias, filosofias e mesmo teologias são materiais dos quais um pesquisador nunca poderá se livrar quando estudar uma religião. Nestes documentos reconhecemos como os fiéis se conhecem dentro, no interior do grupo, como a religião era vivida no passado e como o grupo se define no presente. É importante destacar que os documentos históricos possibilitam melhor ao pesquisador se aproximar dos representantes oficiais da religião.

A Ciência Sistemática da Religião ou Fenomenologia da Religião aspira encontrar a essencialidade da religião. Os cientistas da religião neste espaço de pesquisa procuram o imutável, o que há de perenidade na religião. Importante obra que remonta a discussão sobre fenomenologia da religião é a obra *O sagrado* de Rudolf Otto⁵, com a clássica definição de *numinoso* como essência do sagrado. Ele descreve o sagrado como categoria a priori que unifica toda reflexão acerca da religião. (OTTO, 2007, p. 37).

Para os seguidores de Otto, a Fenomenologia é o método de pesquisa para o estudo da religião. Intenta-se assim absorver algo único da experiência religiosa. Para isso se utiliza como método a observação do fenômeno como método científico. Ao contrário os adeptos da Ciência Sistemática da Religião, como Greschat e Usarski, se propõem a compreender a religião do ponto de vista do crente, bem como o valor da religião na sua vida. Com isso, se evita juízos de valores.

O método fenomenológico é alvo de críticas a partir da concepção de Usarski que segue um raciocínio próximo de Greschat:

⁵Embora o livro *O sagrado* tenha favorecido o surgimento de uma Fenomenologia da Religião, a rigor ele não é uma obra fenomenológica. Fenomenólogos, ao invés foram os estudiosos, alunos, amigos e sucessores de Otto que propuseram continuar sua obra, pesquisando um método fenomenológico que permitisse – primeiro, através da compreensão – compreender e definir a essência do fenômeno religioso. O expoente mais significativo da escola fenomenológica foi FriedrischHeiler, outros também merecem nota: G. Mensching, K. Goldammer e G. Lansczkowski. (FILORANO; PRANDI, 1999, p. 37).

Enquanto a ciência é, por definição, um empreendimento público, por isso *exotérico*, os representantes da fenomenologia da religião exigem do leitor um acordo com seus procedimentos, substituem uma discussão metodológica séria por uma ‘contemplação sobre o fenômeno’ e omitem a questão chave: ‘como um observador distingue a religião de uma maneira que pode valer também para outros observadores e que se poderia distinguir de simples atitudes de fé?’ (USARSKI, 2006, p. 53).

Na visão de Greschat (2005) e Usarski (2006), o método fenomenológico causa desconfiança para o processo científico das religiões ao tentar reduzir toda realidade e variedades religiosas a um conceito único. O método histórico-sociológico é na visão deles o modo adequado para a pesquisa em ciências da religião, pois exprime maior objetividade aos fatos, faz uso de estatísticas e outros elementos empíricos.

Sendo assim, com esta prosperidade metodológica que parece, a primeira instância, a ciência da religião não é uma ciência séria, objetiva, se comparada a perspectiva de Kuhn (1975); porém, observando com mais cuidado, percebe-se que esta variedade é necessária e torna a produção acadêmica mais rica e com novos mundos possíveis de se explorar. Um campo com vários métodos de investigação científica. Isto faz valer o método interdisciplinar defendido na obra de Camurça (2008).

Depois das exposições feitas pode-se chegar a um denominador comum de como é composta a ciência da religião. Com uma epistemologia em construção e validação de si enquanto ciência. Possui um objeto que mesmo constando de dois conceitos é nítido, claro e objetivo o que se quer pesquisar, a religião. Tem um pluralismo metodológico capaz de tornar a pesquisa mais rica e variada quanto ao campo de trabalho. Estas ponderações fazem da ciência da religião o que ela significa: uma abordagem legítima de um campo específico, com suas buscas próprias de identificação e autonomia. Com uma comunidade científica que trata de um tema e se reconhece como tal (KUHN, 1975, p. 211).

Conclusão

A ciência da religião constitui uma disciplina recente no espaço acadêmico brasileiro, ainda em construção. Desse modo, busca se estabelecer em suas bases epistemológicas. Ficou claro que o que diferencia as ciências da religião é o objeto religião como fonte de investigação científica, isenta de confessionalidade. A religião é o ponto de partida e o horizonte final da empreitada levantada desde o início. Sua utilidade como pesquisa se reflete

na perspectiva de Whitehead (2006, p. 232), pois, “a religião não recuperará a sua antiga força enquanto não encarar a mudança no mesmo espírito em que o faz a ciência. Os seus princípios podem ser eternos, mas a expressão desses princípios exige contínuo desenvolvimento.” Deste modo, percebe-se a importância de se pesquisar a religião e, ao mesmo tempo, mostra-se a importância de um aprofundamento no que é a ciência da religião e seus fundamentos.

Não se pode falar de fundamentos sem rememorar o princípio da autonomia (USARSKI, 2006). Este é conceito chave para que uma ciência se transforme em ciência. Ou seja, ela possui um campo necessário e válido para o qual ela se destina, a religião. O ser autônomo em ciências da religião também inclui uma nova visão do que se entende por autonomia (SOUZA, 2005); ou seja, uma afirmação de que a religião é um objeto que se encontra na realidade humana e necessita de uma ciência própria que o investigue enquanto tal.

O método apesar de suas variantes passa por um cientista que responde a uma pergunta; um projeto com suas especificidades: objetivo, material, hipótese, pesquisa, produção, divulgação. (GRESCHAT, 2005, p. 31-44.). Esse é o movimento básico que uma pesquisa deve seguir. O método é o caminho que se percorre para se chegar ao resultado. Sendo assim, conclui-se que os fundamentos da ciência da religião são produtos de uma educação inovadora, que busca responder a uma interdisciplinaridade. Isto, ao mesmo tempo, quer tratar de um objeto próprio que se faz necessário culturalmente estudar. Afinal a religião é produto humano por excelência e que vem se secularizando neste processo.

A partir do exposto pode-se estabelecer a base epistemológica da ciência da religião: objeto próprio, autônomo; comunidade científica própria; método próprio e variado, interdisciplinar. Logo, destaca-se o esforço da academia brasileira na busca de elementos que possibilitem através do diálogo e da produção científica independente, a construção de uma epistemologia para a ciência da religião.

Referências:

CAMURÇA, Marcelo. Ciências sociais e ciências da religião: polêmicas e interlocuções. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

FERREIRA, Amauri C.; RIBEIRO, Flávio A. S. Tendências interdisciplinar das ciências da religião no Brasil. O debate epistemológico em torno da interdisciplinaridade e o paralelo com

a constituição da área no país. Juiz de Fora, *Numen*, v. 15, n. 2, p. 249-269, dez 2012. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/1729/1446>>. Acesso em: 16 jun 2013.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo: Paulus, 2010.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. O que é ciência da religião? Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

HOCK, Klaus. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Loyola, 2010.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico; PORTELA, Rodrigo. Ciência da Religião: uma proposta a caminho para consensos mínimos. *Numen*, Juiz de Fora, v. 15, n. 2, p. 433-456, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/1659/1454>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

JAPIASSÚ, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. Trad. Beatriz V. B.; Nelson B. São Paulo: Perspectiva, 1975.

OTTO, Rudolf. O sagrado. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PONDÉ, Luís Felipe. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). A(s) Ciência(s) da Religião no Brasil. Afirmção de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2001.

SOUZA, José Carlos A. O projeto da modernidade: autonomia, secularização e novas perspectivas. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

USARSKI, Frank. Constituintes da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank (Org.). O espectro disciplinar da ciência da religião. São Paulo: Paulinas, 2007.

WHITEHEAD, Alfred N. A ciência e o mundo moderno. São Paulo: Paulus, 2006.